



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
NÚCLEO DE BIOLOGIA**

JARDIELLE DE LEMOS SILVA

**AULA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS COM INTERAÇÃO DO TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS**

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
NÚCLEO DE BIOLOGIA**

JARDIELLE DE LEMOS SILVA

**AULA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS COM INTERAÇÃO DO TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS**

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de conclusão de Curso- TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof.º Ms. Ernani Nunes Ribeiro.

Coorientadora: Rafaela Alcântara Barros de Oliveira.

**VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
2019**

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Giane da Paz Ferreira Silva, CRB-4/977

S586a Silva, Jardielle de Lemos.
Aula de Ciências biológicas com interação entre tradutor intérprete
de Libras / Jardielle de Lemos Silva. - Vitória de Santo Antão, 2019.
21 folhas.

Orientador: Ernani Nunes Ribeiro.
Coorientadora: Rafaela Alcântara Barros de Oliveira.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV,
Licenciatura em Ciências Biológicas, 2019.
Inclui referências, anexo e apêndice.

1. Ciências biológicas - Estudo e ensino. 2. Educação inclusiva. 3.
Aulas - surdos. I. Silva, Kleber Andrada da (Orientador). II. Título.

371.9 (23. ed.)

BIBCAV/UFPE-302/2019

JARDIELLE DE LEMOS SILVA

**AULA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS COM INTERAÇÃO ENTRE TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS**

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de conclusão de Curso- TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV), como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Aprovada em: 10/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Rafaela Alcântara Barros de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Kênio Erithon Cavalcante Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.º Fábio Campos Coutinho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

O respectivo trabalho analisou como atua o professor de biologia junto ao intérprete, em escolas públicas, onde podemos encontrar estudantes surdos. Foi observada a participação do intérprete junto ao professor nos planejamentos das aulas. Essa parceria está ligada diretamente à aprendizagem e desenvolvimento do estudante surdo, pois os conteúdos de biologia requerem uma atenção especial, por se tratar de conteúdo com uma vasta quantidade de informações e nomenclaturas que não fazem parte do nosso cotidiano. Com base nesse contexto o nosso objetivo foi analisar a qualidade das aulas de biologia quando o professor prepara suas aulas juntamente ao intérprete. Observando a interação entre professor e intérprete e a qualidade do conteúdo que chegará ao surdo. A pesquisa foi realizada em uma escola de Pombos - PE, que contempla em seu corpo discente estudantes surdos. A pesquisa demonstrou que quando existe um contato entre professor de biologia e intérprete as lacunas que existem em relação aos conteúdos trabalhados e os sinais passam a serem amenizadas, permitindo então que o estudante surdo tenha um melhor aproveitamento das aulas.

Palavras-Chave: Ensino de biologia. Intérprete de Libras. Estudante surdo.

ABSTRACT

The respective work analyzed how the biology teacher works with the interpreter, in public schools, where we can find deaf students. The interpreter's participation with the teacher was observed in the planning of the classes, as this partnership is directly linked to the learning and development of the deaf student, because the biology content requires special attention, because it is content with a vast amount of information and nomenclatures that are not part of our daily lives. Based on this context our goal was to analyze the quality of biology classes when the teacher prepares his classes with the interpreter. Observing the interaction between teacher and interpreter and the quality of content that will reach the deaf. The research was conducted with a school of Pombos - PE, which includes deaf students in its facilities. The research showed that when there is a contact between biology teacher and interpreter the gaps that exist in relation to the contents worked and the signs do not exist, allowing the deaf student to have better use of classes.

Key - Words: Biology teaching. Pounds Interpreter. Deaf student.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.2 Objetivos	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 Breve histórico do Tradutor Intérprete de Libras	8
2.2 Formação do Tradutor Intérprete de Libras	11
3 MATERIAL E MÉTODOS	14
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	16
REFERÊNCIAS	19
ANEXO A – PUBLICAÇÃO DO ARTIGO	21
APÊNDICE A – PLANO DE AULA	8

1 INTRODUÇÃO

Ensinar é um processo de compartilhamentos de informações, o qual para ocorrer em sala de aula necessita de um professor, para intermediar essas informações contínuas. Segundo Brandão (2005) a educação envolve a troca contínua de ensinar e aprender.

Quando se pensa em escolas inclusivas isso quer dizer que a sociedade passa a considerar que todos os discentes são essenciais no ensino e aprendizagem, principalmente pela diversidade de estudantes que se tem nas escolas. Sabe-se que na sala de aula não existe uma homogeneidade, pois cada um possui suas peculiaridades, dificuldades, necessidades, habilidades próprias.

Para Lacerda (2006, p. 167):

A inclusão escolar é vista como um processo dinâmico e gradual, que pode tomar formas diversas a depender das necessidades dos alunos, já que se pressupõe que essa integração; inclusão possibilite, por exemplo, a construção de processos linguísticos adequados de aprendizado de conteúdos acadêmicos e de uso social da leitura e da escrita, sendo o professor responsável por mediar e incentivar a construção do conhecimento através da interação com ele e com os colegas (LACERDA, 2006, p. 167).

Desse modo, as escolas inclusivas precisam conhecer as dificuldades diversas de seus estudantes, assegurando a educação boa a todos por meio de um currículo bem elaborado, onde pense em todos ao confeccionarem recursos para os estudantes que necessitam mais desses materiais e ter uma união com as comunidades. (BRASIL, 2006). Através da evolução da educação inclusiva, sabe-se que a Declaração de Salamanca foi um fator muito importante para a inclusão escolar de pessoas com deficiência, pois a mesma é um documento com a resolução da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.

A declaração de Salamanca ressalta, também, que a escola inclusiva propicia um ambiente favorável à aquisição de igualdade de oportunidade e participação e que todas as crianças devem sempre que possível, aprender juntas, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter para isso devem receber, quando necessário, o suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva. (SILVA, 2008, p. 9).

Notamos que mesmo com a implantação de leis de inclusão, ainda existem dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos, devido às propostas pedagógicas,

e até mesmo deparam com professores que não se comunicam com eles, e deixa toda a responsabilidade de ensino e aprendizagem na função dos Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS).

Quando se fala das áreas específicas de Ciências Biológicas, sabemos que possuem alguns conteúdos mais difíceis, o que acaba dificultando o processo tradutório, e acreditamos que quando o conteúdo não for bem compreendido pode afetar na aprendizagem do estudante, por isso que é necessário possuir uma ligação entre os professores e os TILS. Desse modo, durante o processo de tradução nas aulas o TILS tem que ficar atento ao professor para que não deixe faltar informação para o estudante surdo, porque qualquer falta de sinal, pode acabar prejudicando o aprendizado desse estudante. Por isso, que esse profissional tem que possuir uma formação boa, para gerar um bom rendimento desse aluno nas escolas.

1.2 Objetivos

Objetivo Geral

Analisar a qualidade das aulas de biologia quando o professor prepara e executa juntamente ao intérprete.

Objetivos Específicos

- Compreender como ocorrem as aulas de biologia em sala de aula onde encontramos estudantes surdos;
- Identificar as dificuldades que os intérpretes têm em sala de aula, na disciplina de biologia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte do referencial teórico será apresentado um breve histórico dos Tradutores Intérpretes de Libras (TILS), contando um pouco como essa história vem se desenvolvendo no decorrer dos anos, em seguida fala-se sobre a formação desses TILS explicando como início e como é nos dias atuais, demonstrando como é importante o papel desse profissional na sociedade.

2.1 Breve histórico do Tradutor Intérprete de Libras

Antigamente os Tradutores e Intérpretes de Libras possuíam sua formação fundamentada na convivência com os familiares de surdos, ou as comunidades religiosas e até mesmo os voluntariados que abraçaram a causa.

Durante o século XVI e XVII as pessoas com deficiências eram banidas do convívio social, sendo internadas em manicômios, prisões ou orfanatos. No século XIX deram-se início às instituições especializadas em pessoas com deficiência, a partir de então podemos dizer que surgiu a educação especial. A história da educação especial no Brasil surgiu no governo imperial com a criação do Instituto dos Meninos Cegos no ano de 1854, conhecida atualmente como Instituto Benjamin Constant e no ano de 1857 com a criação da Instituição dos surdos-mudos, hoje chamado de Instituto Nacional de Educação de Surdos o INES. A criação desses institutos foi de grande significância para a sociedade, pois ao menos poderia se falar em educação especial, mas isso ocorria de forma isolada, favorecendo um pequeno grupo que jamais representaria a sociedade. “Se constitui em uma medida precária em termos nacionais, pois em 1872, com uma população de 15.848 cegos e 11.595 surdos, no país eram atendidos apenas 35 cegos e 17 surdos” (MAZZOTTA, 1996, p.29). Mesmo ocorrendo grandes mudanças no mundo em relação à perspectiva de inclusão de pessoas surdas, assegurando o direito a uma educação inclusiva de qualidade, em escolas de ensino regulares sendo ela pública ou privada. Segundo Mantoan (1988) (em carta aos senadores):

Do ponto de vista institucional, a inclusão exige a extinção das categorizações e das oposições binárias entre alunos: iguais/diferentes; especiais/normais; sadios/doentes; pobres/ricos; brancos/negros, com graus leves/graves de comprometimentos, etc.

No plano pessoal, a inclusão provoca articulação, flexibilidade, interdependência entre as partes que se conflitam em nossos pensamentos, ações e sentimentos, ao nos depararmos com o Outro (MANTOAN, 1988, p. 45).

Os acontecimentos ocorridos durante anos deixaram marcas que refletem nos dias atuais. Ainda hoje esses fatos dificultam a interação dos surdos no ambiente escolar, pois segundo Quadros (2006):

O surdo percebe o mundo de forma diferenciada dos ouvintes, através de uma experiência visual e faz uso de uma linguagem específica para isso a língua de sinais. Esta língua é, antes de tudo, a imagem do pensamento dos surdos e faz parte da experiência vivida da comunidade surda (QUADROS, 2006, p. 35.)

No ano de 1961, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN, através da Lei n ° 4.024/61, afirma que a educação a pessoas com deficiência é essencial, dando direitos a uma educação inclusiva nas instituições de ensino. O MEC cria no ano de 1973 o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, esse centro é responsável pela educação especial no Brasil, dando ênfase a ações educativas voltadas para o público com deficiência e para os superdotados.

Mesmo com a Lei n° 10.436/2002, que:

Reconhece a Língua brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinados que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia (BRASIL, 2008, p.9).

E o Decreto 5626/2005 que regulariza Lei n° 10.436/2002. O professor não tem uma proposta para trabalhar com o sujeito surdo, não existe um diálogo, uma interação, uma política pedagógica ou qualquer tipo de comunicação que faça uma ligação entre professor e estudante, isso aumenta a dificuldade entre ambas as partes formando uma barreira no processo da aprendizagem.

No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola (MITLER, 2003, p. 25).

Desse modo, o TILS é fundamental na escola para auxiliar no desenvolvimento desses estudantes surdos, pois além de estar interpretando ele também tem que fazer uma boa expressão facial. Para QUADROS (2009), a expressão facial é parte integrante da Libras e também faz parte do entendimento humano. De outro modo, inserir um TILS na sala de aula não irá garantir que os

estudantes surdos não irão sentir dificuldades na disciplina de Ciência, pois não têm sinais (Libras) para todos os nomes da ciência, então muitas vezes tem que se fazer a datilologia, levando o estudante a não compreensão do conteúdo, isso não é satisfatório para alguém que está aprendendo, levando um desconforto para o estudante surdo. Para ocorrer o aprendizado do sujeito surdo tem que existir uma interação maior entre estudante, professor e TILS.

Segundo Feltrin (2009, p. 42):

O aluno surdo requer especial atenção no uso de recursos visuais a serem aplicados no seu processo ensino-aprendizagem. Encontra-se um número significativo de materiais didáticos voltados para a aprendizagem do português a surdos, como por exemplo, DVDs, CDs, literatura infantil, dicionários, softwares, jogos pedagógicos, etc. No entanto não há uma representatividade de recursos didáticos na área de ensino de Ciências. Em virtude desse cenário, existe um forte apelo da comunidade surda à produção de instrumentos didático-pedagógicos e tecnológicos apropriados para a construção de conceitos científicos adaptados à situação de não-oralidade em sala de aula.

Na maioria das vezes a aula de ciências torna-se insuficiente para os surdos, tornando esses estudantes inapto de alcançar os resultados esperados para sua formação profissional e intelectual. Para a inclusão acontecer as aulas têm que ser mediadas no contexto didático pedagógico variado, levando em consideração a aprendizagem teórica e prática, os conteúdos sendo adaptado ao público alvo e ao contexto escolar, levando o estudante a conscientizar-se dos diferentes saberes.

Quadros (2004) enfatiza em seu livro com clareza os termos que abrangem o procedimento tradutório.

Tradutor - Pessoa que traduz de uma língua para outra. Tecnicamente, tradução refere-se ao processo envolvendo pelo menos uma língua escrita. Assim, tradutor é aquele que traduz um texto escrito de uma língua para a outra. Tradutor-intérprete - Pessoa que traduz e interpreta o que foi dito e/ ou escrito (QUADROS, 2004, p. 11).

É notável por esses termos, a diversidade de metodologia que envolve o uso da Libras, e conectada a esse uso, temos um profissional que atua com essa língua, que é o Tradutor e Intérprete de Libras.

Para falarmos sobre a história do Tradutor e Intérprete de Libras no Brasil, temos que fazer um breve histórico sobre quem são esses TILS. Segundo Quadros (2004) o Tradutor e Intérprete de Libras é uma pessoa capacitada para interceder o acesso de comunicação entre duas línguas: A Língua de Sinais e a Língua Portuguesa e vice-versa. Desse modo esses TILS são essenciais na vida dos

surdos, pois é através deles que essas pessoas vão começar a comunicar-se e a demonstrar seus sentimentos.

No Brasil a educação inclusiva teve início no governo imperial, no governo de D. Pedro II, não se sabe ao certo o real motivo dessa proposta pedagógica, alguns pesquisadores relatam que o príncipe regente tem a ideia porque a princesa Isabel, tinha um filho surdo, outros afirmam que D. Pedro durante uma visita aos Estados Unidos conheceu uma escola de surdos e ficou entusiasmado com a ideia, e quis trazer a proposta para o Brasil, na tentativa de que o país fosse visto como um modelo para os demais.

Desse modo, o trabalho do intérprete é moderno, e só em meados dos anos 80 que eles começam a ser usados em acontecimentos religiosos.

Nessa época, os intérpretes não tinham o status profissional que hoje possuem, mas muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos, líderes da categoria e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores do movimento em busca da profissionalização desse grupo, como membros e presidentes das associações de intérpretes de Língua de Sinais no país (QUADROS, 2008, p.153).

No entanto, os intérpretes que atuavam nesse espaço tinham em mente “ajudar” a comunicação entre o surdo, sem saber a função realmente de um intérprete. E à medida que esse intérprete aprendeu a Libras no espaço religioso, ele deve estar consciente que vai ser um mediador entre o professor e estudante. Também é interessante ressaltar que de modo que os surdos vão participando de atividades e ficando cada vez mais expostos, o Tradutor e intérpretes de língua de sinal, também vai ser mais visado profissionalmente (QUADROS, 2004).

2.2 Formação do Tradutor Intérprete de Libras

Percebe-se que a formação do Tradutor Intérprete de Libras TILS, iniciou de uma forma informal, através da religião para evangelizar o surdo e voluntariados que procuram intermediar a comunicação entre os surdos e ouvintes. Para poder ser intérprete tem que seguir algumas competências: ter curso superior de tradução e interpretação com habilitação em Libras (língua portuguesa); Nível médio, com formação em cursos de educação profissional reconhecidos pelos sistemas que os credenciou, cursos de extensão universitária, ou cursos de formação continuada, esses dois últimos promovidas por Instituições de Ensino Superior e Instituições

credenciadas por Secretarias de Educação; Certificação de Proficiência.

Desse modo, o trabalho do intérprete é moderno, e só em meados dos anos 80 que eles começam a ser usados em acontecimentos religiosos. No entanto, essa população precisou aprender língua de sinais, com contado com esses sujeitos surdos, e com o passar do tempo, com a prática foi criando um conjunto de estratégias e assim permitiu fazer o papel de intérprete de Libras (RODRIGUES; VALENTE, 2012, p. 16).

Entretanto, sabe-se que a formação acadêmica para esse profissional é muito importante para os estudantes surdos, pois facilita o conhecimento e diálogos desses estudantes, por esse motivo que existe uma procura grande por esses profissionais atualmente, vendo que esses sujeitos estão cada vez mais ganhando seu espaço e ingressando cada vez mais nas escolas, nas Universidades, ou seja, na sociedade.

O curso de formação de TILS foi estabelecido nos fins de 1990 pelo país, o I Encontro Nacional de Intérprete de Língua de Sinais foi realizado, a qual foi realizada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos FENEIS o II encontro também foi realizado pela FENEIS. No entanto, esses cursos eram de curta duração, ministrados por ouvintes que oscilava com surdos, para aumentar o conhecimento e a formação em Libras. E graças à homologação da Lei Federal 10.436/2002 que os TILS passam a ter um reconhecimento maior na sociedade, passando a existir oportunidades de empregos para esses profissionais.

De acordo com Russo (2010), foi no Rio Grande do Sul que ocorreu o primeiro curso de formação de TILS primeiro ocorreu na PUC- RS a partir de 1971, onde a habilitação de intérprete foi extinta no curso de graduação Letras em meados dos anos 70, ficando apenas na formação de tradução, em 1972 surge a UFRGS como graduação e na década de 1990 como pós-graduação *latus sensu*, programa de formação de intérpretes, ligados a Letras, e inclui o alemão e inglês.

Já em São Paulo o primeiro curso que surge não está ligado à Universidade, é um curso para tradutores/intérpretes no final dos anos 70 é um curso livre a Associação Alumni, que existe até hoje é uma referência nacional. O segundo curso que surge também não é em uma Universidade Pública e sim em uma privada na Faculdade Ibero-Americana também nos anos 70 com a formação de tradutores/intérpretes. E o terceiro curso que surge é na PUC-SP que surge em 1999 e em 2006 a habilitação em interpretação foi extinta.

E no Rio de Janeiro o primeiro curso que acontece na universidade foi na PUC- RIO em 1986, onde a tradução entra como habilitações do curso letras (graduação), no qual e 1978 existem um desmembramento entre a formação de intérprete e tradução, no qual era possível analisar que a percepção das duas era diferente em termo de habilidades, em 1997 surge o curso de especialização em tradução, em 2003 a habilitação de intérprete na graduação foi extinta. Onde até hoje a formação da graduação é para o tradutor e na pós-graduação, que vai ser para o intérprete, em 2008 surge o curso de especialização em Intérpretes. E hoje na graduação só existe habilitação para tradução.

Já em Recife temos o curso de Letras Bacharelado Libras, na Universidade Federal de Pernambuco UFPE, a qual possui destaques em Estudos Linguísticos e Estudos Literários é uma graduação de 8 semestres. Também temos o curso de Letras-Libras Licenciatura, a qual possui como finalidade constituir profissionais capacitados, para atuarem no ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), é uma graduação de 08 meses. E para se formar em TILS é com o curso técnico, onde os mesmos são oferecidos na Escola técnica estadual Almirante Soares Dutra-ETEASD possui 40 anos de existência e também possuem outros cursos em nível de intérprete como os oferecidos pelo CAS.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para fazermos uma análise nas propostas pedagógicas no ensino de Biologia em relação ao entrosamento entre professor e intérprete na perspectiva do aprendizado do estudante surdo, utilizamos como método a pesquisa qualitativa e o estudo bibliográfico como também a gravação de uma aula.

A gravação foi baseada nos conteúdos de Biologia, com o foco em Morfologia Vegetal, mas especificamente morfologia da raiz, pois existem muitas palavras no ensino das ciências que não fazem parte do cotidiano do intérprete e essa relação favorece, com que o intérprete tenha tempo e possa dedicar ao ensino dos surdos.

O vídeo teve a função de demonstrar que quando o intérprete tem acesso ao assunto antecipadamente, seus sinais serão mais bem executados, deixando assim o estudante surdo com uma melhor compreensão do conteúdo abordado pelo professor.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada com base na necessidade que os estudantes surdos têm em relação ao ensino de biologia, quando as aulas não bem executadas. Pois se o professor não tem uma interação junto ao intérprete o aproveitamento que um estudante surdo vai ter ao termino de um determinado conteúdo não será o mesmo que o estudante considerado “normal”. Essa pesquisa foi realizada em três momentos diferentes, a primeira foi um encontro com o intérprete na escola (EREM), localizada na cidade de Pombos. O segundo momento foi à entrega antecipada do plano de aula juntamente com os slides e no terceiro momento foi encontro para a gravação da aula.

1º Momento

Ocorreram encontros com o intérprete em uma escola de referência em ensino médio na cidade de Pombos, onde foi conversado sobre o conteúdo que seria abordado, o dia e como seria feito essa gravação.

2º Momento

Nesse momento teve a entrega do plano de aula e slides que seriam trabalhados em sala de aula, explicando cada palavra, dizendo a função de palavras que o intérprete não conhecia, pois como sabe-se na disciplina de biologia existem muitas palavras que não possuem sinal, e por isso que é necessário existir esse diálogo entre professor e intérprete, para auxiliar do ensino e aprendizagem dos surdos.

3º Momento

Já nesse encontro que foi realizado a gravação e a exposição da aula, de acordo com o que se tinha planejado e conversado com a intérprete, dessa forma deu para observar que é sim possível existir uma comunicação antes das aulas entre professores e intérpretes, no entanto esse diálogo antes e depois de cada aula facilitará com que os estudantes surdos aprendam com uma maior facilidade.

Figura 1 - Aula expositiva com auxílio de intérprete



Fonte: SILVA, J. L., 2019.
Nota: Fotografia registrada pela autora.

Material utilizado

O material utilizado foi uma câmera onde o procedimento aconteceu da seguinte forma: a câmera serviu para gravar a aula, desse vídeo foram feitas algumas fotos, as mesmas estão expostas no decorrer do trabalho. Desse modo, o vídeo serve para demonstrar a diferença da aula com interação e sem a interação do intérprete nas aulas.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

De início fizemos um estudo de como as aulas de biologia aconteciam em escola regulares quem tenham matriculados estudantes surdos, levando em consideração como essas aulas eram repassadas para esses estudantes através do interprete. Levando em consideração todas as dificuldades que os intérpretes têm em transmitir o conteúdo e o estudante surdo tem em compreender o conteúdo transmitido. Para Kenski (2001, p.103):

O papel do professor em todas as épocas é ser o arauto permanente das inovações existentes. Ensinar é fazer conhecido o desconhecido. Agente das inovações por excelência o professor aproxima o aprendiz das novidades, descobertas, informações e notícias orientadas para a efetivação da aprendizagem.

É notável que muitas vezes o professor está preparado para atender o estudante surdo, por isso que na maioria das vezes o professor deixa esse estudante exclusivamente para o intérprete, é como se esse estudante não fizesse parte da turma, dando ao interprete o papel que era para ser executado pelo professor, deixando o mesmo sobrecarregado, dando a ele uma função que não é sua. Quadros (2004, p.59) “intérprete é aquele profissional que atua como intérprete de língua de sinais na educação”, desse modo sabemos a importância de termos um interprete bem qualificado e de ter um professor que interaja junto a ele.

Foram observados a melhoria da qualidade das aulas quando acontece uma interação entre professor e intérprete, levando em consideração a qualidade da aula para o estudante surdo. Dessa forma, é notável que o nível do conteúdo transmitido pelo intérprete seja de melhor qualidade, ocorrendo uma melhoria nas notas e na participação do estudante. Analisando o ambiente em que o surdo está inserido dê o primeiro passo para se tornar inclusivista, pois o mesmo poderá dialogar e interagir com a mesma intensidade que os demais estudantes.

[...] escola inclusiva é uma escola onde se celebra a diversidade, encarando-a como uma riqueza e não como algo a evitar, em que as complementaridades das características de cada um permitem avançar, em vez de serem vistas como ameaçadoras, como um perigo que põe em risco a nossa própria integridade, apenas porque ela é culturalmente diversa da do outro, que temos como parceiro social. (CÉSAR, 2003, p. 119).

No entanto, é notável que quando existi uma interação entre professor e intérprete o próprio estudante surdo sente uma diferença, pois ele percebe que a aula foi pensada para ele. Dessa forma, eles passam a sentir-se como um real

protagonista da sala de aula. E assim percebe-se que começa de fato a existir a inclusão nas escolas, quando o professor passa a pensar em todos ali presente, sem tratar o estudante surdo como se ele fosse apenas, um estudante do intérprete, onde na verdade os estudantes são do professor e o intérprete está na sala apenas como um mediador de informações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisarmos os dados do respectivo trabalho foram utilizados autores que contribuíram para o embasamento sobre o contexto educacional e perspectiva do estudante surdo e os demais envolvidos que contribuem para a aprendizagem e desenvolvimento do surdo em sala de aula de ensino regular em relação ao ensino de biologia.

A pesquisa realizada pode nos mostrar como acontece o ensino aprendizagem de um estudante surdo em uma escola regular, com os professores de biologia que não trabalham junto ao intérprete, deixando em evidência a importância do termo inserido nesse ambiente um profissional intérprete de qualidade, pois o mesmo é que vai facilitar o contato entre o estudante, professor e o conhecimento.

O professor, nesse caso o de biologia, é a pessoa responsável em repassar todo o conhecimento no momento da aula, mas quando essa aula não é planejada e executada junto ao intérprete, não existe um meio de fazer com que o conteúdo trabalhado seja repassado com toda a clareza que deveria ser transmitido. Deixando o estudante surdo sem a base mínima necessária para ao menos dialogar com os demais estudantes sobre o que está sendo estudado.

Podemos demonstrar também como pode ser simples ter uma melhoria no ensino de estudantes surdo, mas é preciso que haja interesse em trabalhar em conjunto. Mas isso por muitas vezes é inviável para o professor porque por ele vê o estudante surdo como uma pessoa incapaz de interagir em sociedade e não valoriza a sua cultura e identidade causando assim uma barreira entre o estudante e a educação.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 46. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRASIL. **Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002**. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. Brasília: Casa Civil, 2002.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: Recomendações para a construção de escolas inclusivas**. 2. ed. Coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 96 p.

CÉSAR, Margarida. A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos. In: RODRIGUES, David. **Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade**. Porto: Porto Editora, 2003.

FELTRINI, G. M. **Aplicação de Modelos Qualitativos à Educação de Surdos**. Brasília, 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

KENSKI, V. O papel do professor na sociedade digital. Castro, Amélia D. e Carvalho, Anna Maria P. (orgs) **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira-Thompson Learning, 2001.

LACERDA, C.B.F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

MITLER, Peter. **Educação Inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1988.

MAZZOTTA, M. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

_____ (orgs.). **Estudos surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flavia. **Intérprete de libras**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012. 232 p.

RUSSO, Angela. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva**

em construção. 2009. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, L. M. G. Educação Especial e inclusão escolar sob a perspectiva legal. *In*: SIMPÓSIO DE ESTADO E POLÍTICAS, 5., 2009, Uberlândia. **Anais** [...] Uberlândia: UFU, 2008. p. 1-19.

ANEXO A – PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

Este texto será publicado em forma de artigo na Revista “Olhares” - da UNIFESP, onde a mesma aceita períodos de publicação semestral, principalmente eletrônico do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Dessa forma, essa revista possui como principal objetivo a formação de professores. Sendo assim, a revista Olhares aceitará para publicações, várias formas de textos escritos, como artigos científicos, relatos de experiências, ensaios e resenhas redigidas em inglês ou espanhol.

APÊNDICE A – PLANO DE AULA

	<p>Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Centro Acadêmico de Vitória – CAV</p> <p style="background-color: yellow; display: inline-block; padding: 2px;">PLANO DE AULA</p>	<p>Data:</p>
<p>Escola: Disciplina: Biologia Turno: Professora: Data: Duração: Tema: Morfologia da raiz</p>		
<p>Conteúdo Conceitual:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Raiz • Tipos básicos de sistemas radiculares: <ul style="list-style-type: none"> • Raiz axial ou pivotante; • Raiz fasciculada ou em cabeleira; • Tipos de raízes: Raízes subterrâneas: <ul style="list-style-type: none"> • Raiz tuberosa Raízes aéreas: <ul style="list-style-type: none"> • Raiz-escora ou suporte; • Raiz sugadora ou haustório; • Raiz respiratória ou pneumatóforo; • Raiz tabular Raízes aquáticas 	<p>Conteúdo Procedimental:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exibição de um slide apresentando a raiz, tipos básicos de sistemas radiculares e os diversos tipos de raízes. 	<p>Conteúdo Atitudinal</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reflexão da importância das raízes no meio ambiente.
<p>Objetivos (ao final da aula o aluno será capaz de:)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entender o que é raiz, sua estrutura, função, e quais são os tipos de raízes; • Compreender a importância das plantas no meio ambiente. 		
<p>Estratégias / Metodologia / Recursos Didáticos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciar à aula com perguntas introdutórias como por exemplo: se já ouviram falar sobre raízes tuberosa e o que eles entendem por esse tipo de raiz. 2. Em seguida, irá ter uma aula expositiva dialogada, apresentando sobre o conteúdo proposto para aula com bastantes imagens para que os alunos surdos possam ver as imagens e tentar relacionar com as palavras e com seu cotidiano. 3. Logo após, será distribuído folhas na sala para que os alunos possam desenhar os tipos de raízes, para melhorar a fixação do conteúdo. 		
<p>Avaliação de aprendizagem: Interação dos discentes com a sequência didática proposta.</p>		